

A atualidade de Garrett

Garrett's modernity

MONTEIRO, Ofélia Paiva. *Estudos garrettianos*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010, 279 p.

Maria de Fátima Marinho

msaraiva@letras.up.pt
Professora catedrática
Universidade do Porto
Via Panorâmica s/n
4150-564 – Porto
Portugal

Palavras-chave

Abordagem cultural; Identidade nacional; Modernidade.

278 **Keywords**
Cultural studies; National identity; Modernity.

Enviado em: 7/4/2012
Aprovado em: 14/5/2012

A presente edição, sob a responsabilidade de Sérgio Nazar David, autor do prefácio, e com a chancela da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), reúne vários ensaios de Ofélia Paiva Monteiro, publicados em revistas, atas de congressos ou como capítulos de livros. A riqueza desta coletânea é sobejamente realçada pelo estudioso brasileiro, que começa por fazer um breve percurso da vida da autora e se debruça, em seguida, sobre cada um dos estudos, apresentando-nos, de cada um, um breve resumo analítico.

A leitura dos textos antologiadados demonstra o conhecimento profundo que Ofélia Paiva Monteiro, professora catedrática aposentada da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, tem da obra de Almeida Garrett e a mestria que põe na forma como explana as diversas facetas do autor de *Viagens na minha terra*, cuja edição crítica, aliás, prefaciou e organizou. A análise que faz não é influenciada por escolas que privilegiam apenas uma das facetas, desprezando ou silenciando outras, que, segundo pensam alguns críticos, seriam de somenos importância. A sua tese de doutoramento – já sobre Garrett, *A formação de Almeida Garrett: experiência e criação*, de 1971–, escrita em plenos anos 1960, num momento em que o estruturalismo advogava o primado absoluto do texto em detrimento do conhecimento dos contextos socioculturais ou de circunstâncias da vida do autor, foge a esta restrição limitativa, interligando todos os ingredientes, de molde a não esquecer a importância de aliar o saber do ambiente cultural, político, ideológico, familiar de Garrett à escrita de textos que se distribuem por muitos gêneros literários (poesia, tragédia, drama, romance) e por diversas formas de intervenção – bem notória na sua colaboração em jornais, de que é exemplo *O cronista*, de que é quase o único redator –, a uma análise estilística, que quase poderíamos classificar de microestrutural, na medida em que não deixa escapar as técnicas e os artifícios de que o autor constantemente se serve.

Na resenha da presente edição, tentarei fazer sobressair esse modo magistral de dar conta da grandeza de um autor, legitimando, frequentemente, as suas opções discursivas e temáticas. Convicta de que é impossível separar a época em que se vive, a ideologia que se professa, o meio social que condiciona o gosto e a atuação, a educação e a cultura que se adquiriu, de construções narrativas, da criação de personagens, de temáticas usadas na poesia e na prosa, darei conta da forma que Ofélia Paiva Monteiro adotou para estudar e ressaltar em Garrett a coerência da sua produção literária e da político-socialmente interventiva.

Dividida em quatro partes – “Perspetivas globalizantes”, “Teatro”, “Romance” e “Facetas do educador social” –, a presente edição abarca a quase totalidade da produção garrettiana, embora não haja um estudo tão aprofundado da poesia como há de algumas peças de teatro ou dos romances.

A leitura dos vários ensaios espelha, coerente e sistematicamente, o pensamento de Garrett que se dissemina nos mais ínfimos detalhes da sua produção e que, assimilado através da leitura de textos tão díspares como uma peça de teatro, um romance (histórico ou de atualidade), um texto crítico ou de opinião, se revela ainda mais rico e genial do que se apreciado fragmentariamente.

A primeira parte da obra compila textos cujo objeto de estudo é mais geral, mas que dão conta da profundidade das reflexões do autor. Considerando que as temáticas de Deus, da natureza e do homem constituem um vetor fundamental no seu percurso, Ofélia Paiva Monteiro acentua a importância que esse vetor assumirá durante mais de trinta anos em toda a produção de Garrett, refletindo-se em textos de natureza bem diferente e de alcance díspar.

À ilusão de juventude baseada na crença nos valores transmitidos pela ideologia das Luzes e concretizados teoricamente (e só teoricamente, convém notar) pela Revolução Francesa, Garrett, maduro e algo desiludido pela sequência dos acontecimentos e pela atuação de alguns homens de Estado, contrapõe um universo mais crítico, mais desassombrado, que se atualiza na sua produção, instaurando-se um equilíbrio entre o seu percurso pessoal e a construção das personagens romanescas ou dos seus longos poemas, *Camões* e *D. Branca*. A ensaísta coimbrã fala até em “transposição ficcional da história pessoal de Garrett” (MONTEIRO 2008, p. 29), querendo significar, não uma análise estritamente biografista, mas a importância que as circunstâncias pessoais poderão assumir na construção e idealização de enredos legitimadores ou provocantes.

Uma “visão ‘espiralada’ do tempo histórico” (MONTEIRO 2008, p. 29) revela-se fulcral quando percebemos a importância que este assume na conceção dos mais diferentes textos. Não podemos simplisticamente aduzir que Garrett terá cedido à moda oitocentista de recriar o tempo passado, tendo em vista uma intenção didática ou pretendendo usar os tempos idos como exemplos ou paradigmas para o presente. O autor de *O arco de Sant’Ana* vai mais longe, conseguindo implicar o passado, tal como o sentimento religioso, no seu programa ideológico, mesmo se ele só existe tacitamente.

280

Ofélia Paiva Monteiro dissecou, em várias obras do autor, as relações que ele mantém com o passado (seja ele, o de *O alfageme de Santarém*, de *Frei Luís de Sousa* ou de *O arco de Sant’Ana*), demonstrando que a pertinência da colocação das personagens e dos ambientes em eras pretéritas tem implicações muito próprias, que redundam em funcionalidades específicas e impossíveis de esquecer. Não estava Garrett tão preocupado quanto Herculano em dar uma imagem aparentemente fidedigna da história, descrevendo o vestuário, os movimentos políticos e económicos ou a topografia das cidades, estava sim apostado em usar o passado de modo conveniente, como refere a ensaísta quando escreve que o autor, a propósito de *Frei Luís de Sousa*, pretende “falar ao povo, no ‘democrático’ século XIX, através de um drama que lhe oferecesse o espelho útil onde se mirasse a si e ao seu tempo” (MONTEIRO 2008, p. 104). A consciência de que “a ficção histórica, não estando obrigada à *verdade absoluta*, permite ao ficcionista *interpretar a existência passada, inflitando-a, com as escolhas que faz, para significados que têm a ver consigo e com o seu tempo*” (MONTEIRO 2008, p. 224), permite reler, dinâmica e modernamente, os escritos de Garrett.

O sentimento religioso do autor ultrapassa a mera prática ou adesão acrítica para se situar numa religião “da Essência, do Além e da Esperança metafísica”, (MONTEIRO 2008, p. 32) que se separa do obscurantismo presente em alguma Igreja da época para procurar absolutos que não se compadecem com a corrupção

ou reacionarismo de certos clérigos e religiosos. Em toda a obra, Garrett defendeu o verdadeiro cristianismo, numa linha que não se afasta muito dos ideais românticos mais ortodoxos e esclarecidos, de autores como Chateaubriand.

A esta faceta, acresce a do dândi, condicionante de muitas das características das suas personagens masculinas que atualizam facetas legitimadoras de comportamentos e atitudes, apesar da evidente ligação, na sua obra, entre a criação literária e a praxis cívica, isto é, a prática indissociável do criador e a do cidadão esclarecido que considera obrigação sua intervir diretamente na vida pública.

Esta intervenção salda-se pela preocupação em significar, mesmo se de modo oblíquo, os dados considerados nucleares para a transformação da sociedade portuguesa, transmudados nos sujeitos poéticos, nas personagens, nos escritos mais diretamente votados à intervenção social. A insistência na necessidade de se ser verdadeiro, de transmitir o que é verdade – como afirma Garrett, na *Memória ao conservatório real* – em oposição aos artifícios retóricos e estilísticos, tipicamente clássicos, sob pena de não se conseguir atingir o povo, verdadeiro destinatário das obras, favorece uma escrita romântica “onde pessoa e nação se fundem” (MONTEIRO 2008, p. 50), na mira da construção de uma identidade eminentemente moderna.

A modernidade decorrente dessa interação entre o indivíduo e a nação, da crença nos valores de cidadania e da liberdade, da importância que é conferida à educação e à conciliação do prazer e da virtude, é ainda corroborada por uma série de ingredientes que Ofélia Paiva Monteiro muito bem identifica na análise que faz das várias obras, em cada um dos grandes capítulos em que se divide a presente coletânea. A fluidez do mundo íntimo, aliada à recusa do seguidismo rígido de escolas e ao “à-vontade narrativo com que Garrett se exhibe como *autor* nas suas ficções” (MONTEIRO 2008, p. 49) facilita o exercício de um estilo que ajuda a construir um universo ímpar. A autora dos ensaios enumera elementos que concorrem para adensar o tom, só aparentemente espontâneo (MONTEIRO 2008, p. 55-75): sólido conhecimento do português, sublime magnânimo, “caligrafia” rococó, naturalidade comovente, comicidade, tom conversacional. A junção de todos estes parâmetros imprime ao estilo uma modernidade, que Ofélia Paiva Monteiro salienta nas análises que faz do teatro – sobretudo *Frei Luís de Sousa* e as peças em um ato – e dos romances *Viagens na minha terra*, a obra inacabada *Helena* e textos inéditos e menos conhecidos, bem como uma rápida incursão pela obra de António Pedro Lopes de Mendonça, *Memórias de um doido* e pelos contos de Álvaro do Carvalho nas segunda e terceira partes.

De *Frei Luís de Sousa* se salienta a importância da conjuntura política (antes de mais, a presente), o nacionalismo, a função pedagógica, o papel da história, a par de um estudo minucioso e fundamental da peça, através das suas personagens, diálogos e representações; das peças em um ato, menos conhecidas do público, sublinham-se os ingredientes que agradam ao gosto popular, numa exaustiva apresentação de todas elas.

O estudo que Ofélia Paiva Monteiro faz de *Viagens na minha Terra* não podia deixar de ser fundamental para todos os que melhor quiserem conhecer esta obra-prima do romance romântico português. A autora salienta a grande

maturidade irónica de Garrett ao analisar o tempo português, as vicissitudes políticas ou a recuperação do “espírito nacional”. Centrando-se na charneca ribatejana e no Vale de Santarém, Garrett centra-se também, a um outro nível, na comparação, ou na distinção, entre o frade e o barão, com todas as implicações que esta dicotomia acarreta. Percebendo o que está por detrás desta aparente e, até certo ponto, cómica, distinção, o leitor infere, e Ofélia Paiva Monteiro demonstra-o na perfeição, as consequências e as causas do devir histórico peninsular e as recomendações que o autor, transversalmente, profere. A minúcia da análise desvenda-nos a construção narrativa e a elaboração das personagens, que se constituem modelos de paradigmas românticos.

Helena, o romance inacabado cujo fim se desconhece, assume, no estudo que dele faz a estudiosa coimbrã uma importância fundacional das opções políticas e sociais de Garrett na fase final da vida, quando a morte já se avizinhava. Ofélia Paiva Monteiro seleciona alguns dos temas que considera fundamentais para estabelecer os propósitos de Garrett: a escravatura, a questão religiosa, o capitalismo moderno, a luta pela independência grega, a oposição entre os valores da natureza, reveladores de uma autenticidade fundamental e os da civilização, indiciadores de uma duplicidade estrutural. A ideologia que os fragmentos existentes deixam entrever explica muitas das atitudes de Garrett e da sua intervenção enquanto parlamentar e político. As personagens parecem concorrer para a intensificação e justificação dos dados enunciados nas explicações do narrador.

282

O último capítulo desta terceira parte centra-se na análise de *O arco de Sant’Ana*, de alguns textos inéditos, e na influência que o autor terá tido em muitos dos seus contemporâneos, de entre os quais salienta António Pedro Lopes de Mendonça e Álvaro do Carvalhal. Sublinha ainda Ofélia Paiva Monteiro a importância das metalepses, da autorreflexividade, do efeito de real, da ironia romântica e dos motivos paródicos que, normalmente, lhes andam associados. A modernidade decorrente da junção de todos estes elementos constitui, como já dissemos, um dos pontos altos da estética garrettiana e um dos fatores da sua presença inquestionável nas letras pátrias.

Na quarta parte, os dois capítulos centram-se na educação feminina e no seu projeto enunciado em *O português* e *O cronista*. No primeiro estudo, onde se salientam alguns artigos publicados em *O toucador*, o autor apresenta um programa pedagógico para a mulher, advogando a conciliação do prazer e da virtude, ao arripio da tradição moralista e conservadora do século XIX português. Ofélia Paiva Monteiro chama a atenção para a “valorização da sensualidade e da emotividade” e para “o elogioso realce da *graça*” (MONTEIRO 2008, p. 254), característica que se concretizará no perfil feminino de algumas mulheres.

O último artigo alerta, em textos publicados nos periódicos acima referidos, para a necessidade de educar o grande público, baseado em princípios que Garrett sempre defendeu e na importância da riqueza e do comércio para a consolidação do novo estado constitucional e democrático.

Em suma, esta compilação de estudos de Ofélia Paiva Monteiro dá-nos conta das múltiplas vertentes da obra do autor de *O alfageme de Santarém* e da centralidade que os seus escritos têm no panorama literário português de

oitocentos. A acuidade e a excelência dos ensaios trazem a lume pormenores, por vezes, esquecidos, sublinham a importância da obra de um dos grandes construtores da modernidade em Portugal e ensinam a ler. É difícil afirmar que sobre um autor nada mais há a dizer, mas de Garrett muito pouco os estudos de Ofélia Paiva Monteiro deixam em claro.